



Voz Off: Ministério do Turismo, secretaria especial da cultura e Instituto Tomie Ohtake apresenta Somos Muitas, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop Tech e Unigel.

Renata Araújo: Eu sou Renata Araújo, coordenadora do projeto Somos Muitas! e estou hoje aqui nesse podcast 2022 com Verinha Nunes, mãe da Bia, da Alice e da Nina, companheira do João, especialista em gestão de projetos culturais pela Universidade de São Paulo, com graduação em eventos culturais. Atua há 20 anos na área da cultura e com projetos de impacto social, ela foi uma das primeiras mulheres produtoras de arte urbana em São Paulo, e tem em sua trajetória muitas das produções de murais da cidade, com destaque para “Nina e a Servente”, do artista Paulo Torres, “Sobre Nós”, de Robinho Santana, “Mulher Correria”, de Carolina Fôlego, e “Pindorama” de Rimon Guimarães. Além disso, Verinha fez a curadoria do “Festar”, primeiro festival de realidade aumentada de São Paulo, e do festival “Feira Preta”. Também se dedicou a produção e a realização do “Obra”, primeiro festival internacional de grafite, da Exposição “Caravaggio”, do museu de arte de São Paulo; da exposição “Lotar Charu”, da Caixa Cultural, do festival “Casa Leves”, “Festival de Cinema de Paraty”, da “Virada Cultural”, entre tantos outros eventos e projetos.

Nessa longa caminhada, é bastante ativa nas diversas linguagens da cultura independente, assim como em sua atuação como coordenadora de público e

diversidade no Teatro Municipal de São Paulo. Atualmente é coordenadora dos Projetos Socioculturais do Instituto Tomie Ohtake. É dela também a “Gentilização da Terra”, uma empresa com foco em projetos de impacto social, arte em grandes proporções e gestão de pessoas.

Muito bom estar com você, se bem que eu estou com você todos os dias, mas aqui é melhor ainda, porque aqui a gente vai compartilhar com todo mundo tudo isso que é ser Verinha Nunes. Conta para a gente o que é ser Verinha Nunes, como se forjou essa mulher.

Verinha Nunes: Eu acho que preciso começar contando que sou uma pabaianista, uma sudestina, assim como muitas de nós. Essa construção de um nordeste com fome, com muitas dores e nesse projeto de escravidão do povo nordestino que foi criado pelo Brasil, pelos governantes brasileiros e pelos grandes coronéis dos diferentes territórios do Brasil, que expulsaram seus filhos das suas terras com a promessa de uma vida farta e próspera no Sudeste. Sou filha de paraibano, por isso eu me autodeclaro como pabaianista. Um paraibano que veio para São Paulo trabalhar na construção civil nos anos 50, e uma baiana que veio de Itabuna no pau de arara aos 17 anos, para também viver um sonho de chegar em São Paulo e ter uma vida melhor. Na verdade, a história dela é um pouco mais doida, porque ela não tinha pai, assim como muitos brasileiros, e ela veio na ideia, na esperança de encontrar esse pai. Ela não encontrou o pai dela quando chegou em Santos, mas encontrou meu pai. Então eles criaram essa família proletária que durante um tempo morou em Santos, depois acabaram em uma inquietação. Meu pai era um homem muito inquieto por justiça social e foi considerado um comunista na época da ditadura militar, passou por todos os processos que as pessoas não brancas e consideradas comunistas passaram também, de exclusão, prisão, dor, e foi morar em São Bernardo do Campo.

É aí que começa minha história, porque eu nasci em São Bernardo do Campo, em 1977, sou a sexta filha de uma família numerosa desse casal de um paraibano com uma baiana que se formaram, se desenvolveram nessa cidade que estava em construção. Nessa história de ser a filha caçula de seis irmãos, aprendi desde sempre que diversidade não é um tema, é uma realidade, porque sendo a caçula de tantos irmãos dentro de uma casa, tudo que a gente precisa aprender é lidar com gente, e lidar com gente de diferentes momentos, de diferentes formas, de diferentes gêneros, diferentes momentos, pensamentos e culturas.

Então fui criada com muito amor em volta desse monte de irmãos e irmãs que gostavam de músicas tão distintas, que adoravam arte, que estavam ali se mostrando para o mundo como adolescência dos anos 80 e anos 90, e me abastecendo desse caldeirão de possibilidades e de expressões artísticas. Para não ficar na rua e para não ficar no meio dessa confusão toda que era os anos 80 na cidade de São Bernardo. O meu pai era um cara que realmente era um comunista, não esses aí que o pessoal fala que vai comer a criancinha, mas ele era um cara de uma integridade e foco no comum. O que vem de comunista? Vem da palavra comum, do que é bom para todos, por isso que os comunistas são muito legais. Eles vão buscar o que é bom para todo mundo, meu pai era um cara que lutava para ter ônibus onde a gente morava, foi ele que brigou para ter asfalto na rua. Ele tinha esse conceito de não gostar que a gente gostasse de nada que era americanizado, então não via os programas de televisão que eram comuns, a gente não tinha as coisas que eram comuns naquela época, mas tinha acesso ao “círculo do livro”. Quem tem mais de 40 vai saber o que era esse círculo do livro, e acesso a cursos.

Então eu sou criada literalmente dos projetos culturais e dos projetos sociais que existiam em São Bernardo. São Bernardo a gente tem que lembrar que é o

berço do Brasil e aqui em São Paulo do sindicalismo. Foi a primeira prefeitura de esquerda que a gente teve no Brasil e, portanto, projetos sociais eram muito pulsantes nesse momento. Tive acesso ao hip-hop, tive acesso ao rock, acesso ao teatro, comecei fazendo teatro novinha na época com 13, 14 anos e sempre soube que teria uma atividade ligada às artes, porque a arte sempre me atravessou. Por um tempo, como isso nunca foi uma profissão falada e pensada, ninguém pensava: “quando minha filha crescer vai ser produtora cultural”, nunca, imagina. Vai ser advogada, sei lá, alguma coisa útil para o mundo. Não existia produção cultural, mas existia o artista e existia a professora, existiam essas profissões.

Quando eu tinha 14 anos estava em um curso de teatro e um dia um professor de teatro faltou, aí chegou uma produtora e foi um estranhamento geral. O que é essa produtora? Mas eu fiquei tão encantada com aquela mulher, porque ela era linda, foi a primeira mulher negra que eu vi na minha história de vida até os 14 anos que não estava em uma situação de subalternidade, que não era empregada doméstica, não era caixa do supermercado, que não era cobradora do ônibus ou a margarida, aquelas mulheres que varriam a rua. A minha avó era empregada, minha avó era negra, as amigas da minha avó, as minhas vizinhas, minhas tias. Só que nunca tinha visto uma mulher preta tão arrumada, tão cheirosa, tão envolvente, tão dona das palavras do que ela estava falando, e não que as pessoas negras que eu conhecia antes não tivessem apropriação do que elas diziam, mas elas sempre estiveram subalternizadas.

Aquela mulher me atravessou demais, porque ela chegou contando a história dela para a gente e entregando um caderninho na mão de cada um de nós e falando: “Hoje vocês não vão escrever sobre teatro, não vão decorar texto, hoje vocês vão escrever como vocês vão fazer para sair dessa roubada que vocês

estão. Vocês moram na periferia, aqui só tem crime, estão em uma situação super difícil, as meninas vão engravidar antes dos 15 e os meninos vão ser presos antes dos 16. Qual é a estratégia de vocês para sair dessa confusão? Para sair desse lugar que colocaram vocês? Porque vocês não nasceram para ficar aqui, vocês nasceram para ganhar o mundo, ir para onde vocês quiserem”. E eu nunca tinha ouvido isso, falar disso, os meus irmãos saiam, vinham para São Paulo, faziam várias coisas, mas a gente nunca tinha vislumbrado sair daquele lugar porque aquele lugar era um lugar seguro, aquele lugar era um lugar que falaram para a gente que a gente tinha que estar, que era na periferia de São Bernardo.

Quando comecei escrever aquelas palavras para ela, estava escrevendo que eu queria crescer, queria ser uma pessoa parecida com aquela mulher, queria ser mãe quando estivesse mais velha, e queria produzir arte pela cidade, achava que a cidade podia ser mais bonita se tivesse arte. Esses dias atrás eu achei esse caderninho, fiquei bem emocionada, nas coisas da minha mãe. Minha mãe faleceu em 2019 e achei esse caderninho, fiquei muito emocionada de encontrá-lo. Passando esse tempo todo, esses 30 anos, eu me deparo com algo que eu acredito muito que é que a gente pode tudo o que a gente quiser, e não é uma positividade tóxica, não é programa de autoajuda, mas é sobre a minha experiência. Eu nasci nesse lugar, onde não tinha nada, onde era tudo complicado, dificultoso, nada era para mim, e realmente consegui ser essa pessoa que escrevi no caderninho. Tivemos dificuldade na vida para caramba, fui mãe aos 17 anos, não saí das estatísticas, fui mãe solteira, periférica, mas sempre com o pensamento de escrever naqueles caderninhos que hoje são muitos o que eu queria fazer, como eu ia sair daquela roubada que eu estava naquele momento. E a roubada não passa, a gente vai só mudando de roubada em cada momento da vida. Mas é sempre muito importante a gente ter

consciência do que a gente quer e como a gente faz para alcançar as coisas que a gente acredita de verdade que queremos fazer. Então fui mãe da Bia, continuei estudando, curtindo, vivendo, fui fazer faculdade de moda quando tinha 18 anos, sofri muito nesse processo da faculdade de moda, porque era uma coisa que queria muito fazer, mas que não funcionava para mim, porque era muito cachorro para pouco osso, como dizia minha amiga. Detalhe, antes disso fui fazer teatro quando me descobri grávida da Bia, tinha passado na ECA (Escola de Comunicações e Artes), no curso de artes EAD, Escola de Arte Dramática.

E aí aconteceu um fato que conto que é muito interessante, porque cheguei lá, não sabia que estava grávida. Ralei para conseguir chegar na USP, porque eu não sabia como chegava lá, mas cheguei, e comecei a fazer esse curso que era de dia, o dia inteiro, era um monte de gente que não tinha nada a ver comigo. Eu realmente não era boa atriz, é fato, não era porque não gostava daquilo, gostava de fazer o figurino, escrever o que as pessoas tinham que fazer, correr atrás das coisas, gostava de tudo isso que envolve a produção.

Um dia o Kaká Carvalho, ator importante que era um dos professores, me chamou de lado e falou: “olha, eu preciso te falar uma coisa, você é muito ruim, você é uma péssima atriz, vai embora”. E eu fiquei péssima, chorei horrores, falei: “nunca mais apareço aqui”. Aí na semana seguinte precisei ir para trancar a matrícula porque realmente não estava conseguindo fazer. Me descobri grávida, era aquela tragédia toda e aí ele falou: “olha, eu acho que fui rude com você, mas eu preciso te dizer que você é uma péssima atriz, mas você é uma ótima produtora e eu ainda vou encontrar com você no mercado, ainda vou encontrar com você na rua, vai lá fazer seu corre”. E eu fiquei puta com aquele cara, imagina, gente, olha isso, produtora, nem existe essa profissão. Daí que migrei para a moda porque gostava muito de figurino, trabalhava, já

fazia minhas coisas há muito tempo. Comecei a trabalhar com 13 anos em loja de shopping, então aquele rolê de virar proprietária da loja, não ser mais a subalterna da loja. Montei uma marca na época que fazia bolsas de câmara de pneu, trabalhava no mercado “Mundo Mix”, fazia as feiras criativas pela cidade, foi os anos 90 mais legais e fui caminhando nessa trajetória.

Chega um momento que fui dar aula de arte na escola pública para fazer uma faculdade de produção cultural, porque fui entendendo ao longo do tempo que era importante estudar e entender isso em uma situação especial. Fui fazer um trabalho nesse processo das bolsas de câmaras de pneu, e trabalhar no “Reciclar”, Instituto de reciclagem de adolescente. A gente fazia materiais de papel reciclável. Trabalhava com ecodesign, porque justamente tinha feito faculdade de moda, então conhecia muito de desenvolver projetos de design.

Fui dar um curso de ecodesign para uma ONG que se chamava “Ação Mundial”. Fiz esse curso e depois eles me contrataram para fazer um trabalho de um livro de artesanato pelo Brasil. Rodei os 27 estados para fazer esse trabalho, foi um ano de pesquisa, de desenvolvimento muito rico para minha vida, conheci muitas culturas, foi muito importante. E quando acabou, escrevi uma tese, um calhamaço, acho que tinha umas 300 páginas no relatório do projeto. No dia que estava voltando do Rio de Janeiro, no avião eu encontrei o rapaz do meu lado e eu falo. Vocês estão vendo que eu falo bastante. Conte que estava fazendo esse livro, feliz da vida, que era o meu primeiro projeto nessa característica e estava muito feliz com isso e ele falou: “isso aí é um projeto cultural, achei muito interessante, está na lei Rouanet?” E aí uma menina periférica nesse rolê não ia falar para esse homem que eu não sei o que é isso não, vou descobrir o que é isso.

Aí eu começo a descobrir o que é produção cultural, o que é lei Rouanet, o que é essa história e aí começa minha vida como produtora cultural.

Renata Araújo: E que vida. Só de olhar o seu currículo a gente já vê que foi intensa essa escolha, intensa e produtiva. Fala para a gente então um pouco, Vera, também acho importante ressaltar que essa mulher, essa pessoa que foi descobrir o que era produção cultural, ela também descobriu praticamente novos nichos de mercado, nichos para nós, mulheres, produção de arte urbana e principalmente a execução de murais em grande escala.

Verinha Nunes: Esse processo dos murais veio depois de ter trabalhado já com muitas coisas. Produtora cultural trabalha com muita coisa, a gente faz de tudo, fiz muitos livros na época que fui estudar a Lei Rouanet. Fui fazer faculdade de produção cultural, era um momento do Brasil que estava impulsionado esse caminho, a gente dizia. Tinha um slogan que era “cultura não é negócio”.

Na sequência fui fazer pós em gestão de projetos culturais na USP e encontrei muita gente maravilhosa, 15 anos essa história, inclusive Renata Araújo, Regina Rosa, e esse clã de mulheres sereias incríveis sobre a mentoria do professor Denis de Oliveira. Muito importante esse processo. E nesse caminho fui trabalhar com artes visuais, que era a possibilidade de levar a público todos aqueles projetos e fotos, principalmente as fotos históricas que a gente fazia desses livros de arte.

Trabalhei na Ori, que foi uma produtora cultural do começo dos anos 2000. E a ideia era levar um pouco dessas imagens para a maior parte do público. No início ele achava que eu estava viajando, que estava pirando, mas depois ela viu que era lucrativo e era interessante fazer o livro e fazer a exposição do livro. Era também o momento de início do Proac, a gente estava construindo esse Proac, o plano nacional de cultura, então não consigo contar essa história sem

também atrelar isso às políticas culturais porque estão muito ligadas. Nesse processo de construção existiam as consultas públicas sobre a PL, sobre o plano nacional de cultura. Eram encontros em que o ministério da cultura do Gilberto Gil reunia todo mundo do memorial da América Latina em salas e eram consultas com os produtores, com os artistas, de como a gente poderia melhorar, publicizar mais e democratizar um pouco mais a arte. Nesse momento tudo que vinha na minha cabeça “era a gente precisa tirar do museu o que está no museu”, porque o museu sempre foi um lugar que as pessoas não queriam entrar. Eu sempre tive vontade de fazer obras públicas, o processo da arte pública, que na minha vida antecede o grafite. Porém como contei no começo, a minha formação enquanto criança era de muita profusão cultural, na minha história, e aí estava muito ligada a esse movimento do grafite, esse movimento só hip-hop no começo de tudo isso.

São Bernardo tem uma pista de skate que foi a primeira pista da América Latina e ali começaram os primeiros shows de rap, ali os primeiros shows do Racionais, ali os primeiros shows do RZO. Ali tinham os primeiros shows de hip-hop, enquanto rolava o som com os caras cantando, o MC, DJ, tinha o B-boy, tinha o break rolando na frente e tinha a galera do grafite fazendo o live paint. Eu sempre amei esse processo, sempre achei isso completamente integrativo, de ter ali os quatro elementos acontecendo porque integra as pessoas.

Mas o meu primeiro mural público foi feito, acredito que em 2013 onde participei de um projeto que chamava movimento “Round Spot”, da Luminosidade, que é a mesma produtora que faz o São Paulo Fashion Week e que quando fui para esse projeto, o movimento era um trabalho muito focado em moda. E quando fui, já foi a convite do Paulo Borges, da Graça Cabral para ampliar esse trabalho que era muito focado na moda para as outras áreas da

cultura. E aí a gente construiu esse projeto em várias cidades brasileiras, foram 17 cidades, 17 shows, 10 festivais acontecendo, com uma confluência muito grande de artistas, designers, músicos e etc. A gente começou a desenvolver esses projetos de arte para a rua.

Voltando desse projeto em específico, comecei a desenvolver um trabalho como produtora de eventos dentro da Levis, da marca Levis. Lá tinha um projeto que estava voltando do Canadá, o “Mural Festival” e alguns artistas aqui do Brasil foram para esse projeto no Canadá, e a contrapartida para a marca era fazer exposição aqui em São Paulo. Fui contratada para fazer essa exposição. Eu já tinha tido bastante experiência com exposições, já tinha feito “Caravaggio”, já tinha feito “Lothar Charoux”, já tinha trabalhado em todos os centros culturais com os meus projetos ou como produtora convidada, como produtora assistente. Essa nossa vida de produção é assim, um dia você é coordenador, outro dia você é assistente, outro dia você é apoio e não tem tempo ruim. E aí veio a ideia de fazer um mural, primeiro mural que eu produzi foi com o Nunca, um artista bem importante, um artista brasileiro, mas que tem uma relevância internacional. Na sequência do Nunca, fiz um projeto para o Apolo Torres, que é um mural bem importante que fica ali na praça Roosevelt, chamado “Nina e a Serpente” e fiz o Obra, primeiro festival internacional de arte urbana e que não tinha nada. Então assim, o Nina, esse mural na praça Roosevelt que muita gente vai conhecer, muita gente que está em São Paulo vai saber, mas muita gente que não está em São Paulo já deve ter visto fotos. É uma menininha tentando pegar os livros e os livros estão voando, meio que em uma lama. Foi o primeiro mural, um dos primeiros murais do minhocão, antes não tinha. A gente começava a falar sobre essas coisas da arte urbana e as pessoas meio que não acreditavam que poderia ser legal, o grafite era muito marginalizado, era tudo como uma coisa ligada ao hip-hop

específico, assim como é nos Estados Unidos, mas que não tinha essa representatividade artística e imagética que é fundamental hoje quando a gente pensa no grafite em São Paulo e nos grandes centros. Sofri muita misoginia, as pessoas não entendiam como eu ia produzir aquele mural. Eu, no começo dos projetos contratava meninos para falarem por mim, chamava o menino e falava: “olha, você fala ali para o montador para ele fazer assim, assim, assim”, aí o menino ia lá e falava, porque se eu fosse falar com o montador, com o andaime, com o cara da pintura, ele simplesmente não respondia, não falava comigo, não acatava, nem respeitava o que estava falando porque eu era uma mulher, o que eu estava fazendo ali? Isso não foi só com o pessoal da montagem, isso era também com os outros produtores, com muitos grafiteiros, com muita gente da rua, o grafite ainda é um lugar masculinizado muito machista porque o hip-hop também é. Mas a gente está tentando mudar esse panorama. Fico muito emocionada de ver outras mulheres do movimento, fico muito emocionada de passar pela rua e identificar esses murais que eu ajudei a produzir, fico muito emocionada de trabalhar especificamente hoje com artistas que eu admiro. Sempre trabalhei com artistas que eu admiro, até porque acho que esse processo da arte de rua, arte urbana, arte pública é tão bacana porque ela é século XXI, todo mundo tem acesso, não precisa pagar um ingresso, faz parte da cidade, integra, educa, traz reflexão. Quando você vê um mural, por exemplo, como os murais do Robinho Santana, que trazem sempre a população negra em uma condição inusitada, porque são sempre imagens de negros com seus filhos fazendo carinho, imagens de negros se formando, de mulheres carregando livros, de potência, essa potência que não é imaginária, ela é real. Quando você vê um mural como o da Fôlego, o “Mulher Correria” indo ali para a praça da Estação da Luz, quantas de nós não somos correrias? Somos muitas e somos muita

correria, então me sinto muito orgulhosa, me sinto muito feliz, muito plena e hoje digo isso com tranquilidade, não é uma modéstia, nem uma falsa modéstia, mas acolher e receber o reconhecimento de uma trajetória que eu trilhei. E por que a gente tem sempre que fingir que não é bom o que a gente faz? Porque a gente tem sempre que se esconder das coisas que a gente batalha tanto para fazer? Porque os homens adoram reconhecer os seus trabalhos e reconhecem isso com muita tranquilidade, mas nós mulheres fomos educadas a negar nossas potências e negar esse reconhecimento que a gente faz com tanto esforço. Acho que eu falei demais.

Renata Araújo: Falou o necessário. Você acabou até alcançando com a sua fala coisas que estavam aqui no meu roteirinho, tipo de conquistas, desafios, então vou até pular agora que eu quero saber o legado, está nos seus caderninhos. Você pensa muito legados, tudo que você faz está atrelado a isso e eu quero ouvir de você e quero que nossos ouvintes escutem sobre os legados que você pensa e gesta por aí.

Verinha Nunes: Uau. É muita coisa que fico sonhando, eu sou uma mulher sonhadora. Produzi em 2020 um dos projetos mais importantes da minha vida que é o “Cósmicas”, a gente vai ter muitas Cósmicas aqui eu acho, para elas se inscreverem no Somos Muitas! e ouvirem os nossos conteúdos. Mas o Cósmicas não é só um projeto de uma Instituição que está vinculado a um patrocínio. O Cósmicas é realmente um projeto que eu empenhei muitas das minhas crenças, muito da minha experiência. Eu acredito que a gente só consegue criar mudança social através da autorrepresentação. Tem uma pesquisa que traz que muitas meninas pretas querem fazer jornalismo, porque elas viram a Maju, elas veem a Maju todo dia no jornal, então elas querem fazer jornalismo porque é possível. A falta de representação gera o desinteresse na gente em algumas coisas, então o Cósmicas é um projeto que

eu tenho bastante orgulho de estar ainda desenvolvendo porque ele não acaba, é um projeto vivo e acho que o Cóslicas vai trazer um legado muito interessante para a história de muitas meninas, muitas mulheres e provavelmente vai impactar na sociedade, porque é um projeto que trabalha com organização dos sonhos. Eu acredito nisso, acredito que a gente sonha e a gente tem que planejar como a gente quer fazer para realizar aqueles sonhos. E depois que a gente planejou isso, a gente vai buscar a realização disso, sempre buscando caminhos e buscando parcerias para que isso aconteça, e depois a gente precisa celebrar essas conquistas, que a gente foi educada para não celebrar as nossas conquistas e depois a gente precisa descansar, porque esse papo de guerra também ninguém aguenta mais, a gente quer ter descanso. Então Cóslicas eu vejo que é um grande legado que eu estou deixando, acredito que o projeto da Gentilização da Terra, que é essa empresa que eu tenho junto com meu companheiro, o João, e com minha filha Bia, minha filha Nina e Alice, e digo isso porque a vida da mulher não é uma vida profissional solitária, a gente não consegue ter vida profissional diferente da vida pessoal, a nossa vida pessoal e profissional está atrelada, porque quando não ocorre isso, a gente tem tripla jornada, a gente tem quádrupla jornada, porque a gente tem que fingir que a gente não tem família quando está trabalhando e a gente tem que fingir que a gente não tem trabalho quando a gente está com a família. E eu acho que isso é uma doença, acho que isso é gravíssimo, e eu tenho estudado, fazendo curso sobre futuros e uma coisa que eu acredito muito que pode melhorar a nossa vida como mulheres é que a gente absorva e a gente assuma que a gente não tem duas vidas, a gente tem uma só. A minha vida familiar é a minha vida profissional, e a minha vida profissional é a minha vida familiar. Todo mundo se envolve em tudo, todo mundo está junto e misturado. Se tiver que fazer planilha, vamos fazer planilha, meu companheiro vai me

ajudar a fazer planilha, eu tenho que entregar para a Instituição no dia seguinte, não quero saber. Vai fazer edital, todo mundo vai ajudar a montar o edital, vamos trabalhar, vamos fazer a coisa acontecer, por isso eu digo que é uma empresa familiar. No Gentilização, a gente busca desenvolver projetos com práticas gentis, então isso eu acho que é um legado que eu venho trabalhando há muitos anos. Eu tenho 45 anos, venho de uma escola onde a produção cultural sempre foi colocada com um teor primeiro de anulação, produtor não pode existir, você é transparente, você fica nos bastidores, você não existe. Segundo, uma rigidez absurda, eu sou da época que as pessoas falavam: “para ser produtora você tem que andar com chicote, você tem que ser ríspida, você tem que ser mandona, você é mole, você não pode ser produtora”. Nunca tive esse pensamento e venho cada vez mais me atrelando a pessoas que pensam como eu e que fazem a produção cultural de um jeito adequado, amoroso.

Renata Araújo: Maravilha, Vera, eu falei que você tinha um legado importante para deixar para todo mundo. E bota importância nisso. Agora, para a gente encerrar aqui, eu tenho duas perguntas básicas para você, a primeira o mote do nosso podcast, Somos Muitas!, se somos muitas, quem são as muitas que te influenciam ou que te influenciaram?

Verinha Nunes: Nós somos muitas mesmo, nós somos muitas porque nós fazemos muitas coisas e nós somos muitas porque nós não fazemos nada sozinhas. Tenho uma influência direta na minha ancestralidade que a minha avó, dona Antônia, era uma artista plástica, uma mulher que se alfabetizou desenhando, dona Antônio me influencia, dona Valda minha mãe me influencia, Oxum meu orixá me influencia. Eu sou influenciada por Regina Rosa, eu sou influenciada por Priscila Gama, sou influenciada por Renata Araújo, sou influenciada por Tomie Ohtake, por Nisinga, por Angela Davis, sou influenciada

por Luciana Paulino, influenciada por Sueli Carneiro, Macaé Evaristo, Conceição Evaristo. Sou influenciada por tantas, muitas mulheres que realmente teria que ter um podcast só com os nomes delas para poder fazer jus a tudo isso. E sou influenciada pelas minhas mais novas também, sou influenciada pela Bia Santana, minha filha, pela Alice Santana, minha outra filha, Nina Santana, sou influenciada pela Dara Roberto, pela Vitória Madeiro, pela Laís Borges, Lais Rocha, sou influenciada por todas essas mulheres que vieram antes e que vieram depois de mim, porque a gente também tem que aprender com o novo.

Verinha Nunes: E como a gente aprende. A gente vai ter que se despedir porque tem que ser rapidinho e conversar com a Verinha é conversa para o dia inteiro, para a semana inteira, para o mês inteiro, por 15 anos a gente conversa e nunca acaba o assunto. Vera, eu quero que você dê uma dica que você acha essencial para a vida de qualquer pessoa e principalmente para a vida das mulheres.

Verinha Nunes: A minha principal dica é que a gente não perca a esperança, a minha principal dica é que a gente precisa usar aquela frase do Paulo Freire, “esperançar” mas não esperar de esperar, “esperançar” de se unir a outros e ir atrás do que a gente deseja, do que a gente espera. A minha dica é que você não sucumba aos desejos de ninguém, você tem que fazer o que você quiser e ponto, desde que você tenha consciência do que você quer. Se você não sabe para onde você está indo, qualquer lugar que te levam está bom, então a minha dica é que você saiba para onde quer ir, mesmo que ainda não esteja indo para lá, mas é fundamental que você saiba para onde você quer ir. Se você ainda não sabe, começa a ir que no caminho você vai achar, mas esse caminho tem que ser seu, não tem que ser ninguém que te coloque nele, que te imponha que você tem que fazer isso ou aquilo e sempre esperançando, sempre esperançando por dias melhores, porque os dias melhores eles virão e

não vão demorar a chegar. A gente está em um momento muito bom da nossa vida, a gente está se livrando do fascismo e isso eu tenho crença.

Renata Araújo: Esse foi mais um episódio do podcast Somos Muitas! 2022, com a presença especialíssima de Verinha Nunes que nos conduz com essa grandeza, essa afetividade cada ação desse projeto. Obrigada e vejo vocês no próximo episódio.

Voz Off: Lei de incentivo à cultura, secretaria especial da cultura, ministério do turismo, governo federal, Pátria Amada, Brasil. Pronac 203086.